



HABILIDADES COMUNICATIVAS EM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

COMMUNICATIVE SKILLS IN CHILDREN WITH DOWN SYNDROME

Louise Arruda Dambrós¹;
Denise Terçariol².

Resumo: Crianças com Síndrome de Down (SD) tendem a apresentar dificuldade no desenvolvimento da linguagem; vários são os aspectos que podem comprometer o curso do desenvolvimento, entre eles, anatômicos, cognitivos e auditivos. Esses fatores também contribuem para um atraso no comportamento verbal e não verbal, o que pode justificar dificuldades na linguagem. O objetivo deste trabalho foi caracterizar as habilidades comunicativas, de compreensão verbal e cognitivas em crianças com SD na faixa etária de dois a cinco anos, a partir da aplicação do Protocolo de Observação Comportamental (PROC). Trata-se de uma pesquisa de campo realizada em uma Associação do litoral Norte Catarinense, localizada em dois municípios. Foi aplicado o PROC em 9 crianças com Síndrome de Down que tem idade entre dois e cinco anos. Os dados foram coletados individualmente por meio de registro audiovisual, a partir da interação entre a criança e autora, em duas sessões de 25 minutos com cada criança. Os resultados da análise dos materiais foram registrados no PROC. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva a partir de representações tabelares. A pesquisa permitiu caracterizar as habilidades dialógicas ou conversacionais, funções comunicativas, meios de comunicação, meios de contextualização da linguagem, compreensão verbal e diferentes aspectos do desenvolvimento cognitivo. Os resultados demonstraram que o melhor aspecto do desenvolvimento entre as crianças é o desenvolvimento da compreensão verbal. Entretanto, nas habilidades comunicativas utilizam-se de meios não verbais para se comunicar. Além do baixo desempenho no desenvolvimento cognitivo, o que é esperado para a população estudada.

Palavras-chave: Síndrome de Down, Linguagem, Cognição.

Abstract: Children with Down Syndrome (DS) tend to have difficulty in language development; there are several aspects that can compromise the course of development, among them anatomical, cognitive and auditory. These factors also contribute to a delay in verbal and nonverbal behavior, which may justify language difficulties. The objective of this work was to characterize the communicative, verbal and cognitive comprehension skills in children with DS aged two to five years, from the application of the

1 Acadêmica do nono período do Curso de Fonoaudiologia da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI/SC).

2 Mestre em fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), docente do Curso de Fonoaudiologia da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI/SC).

E-mail: denisetercarol@univali.br / detece@terra.com.br

Revista Gepesvida

Behavioral Observation Protocol (PROC). This is a field research conducted in an Association of the North Coast of Santa Catarina, located in two municipalities. PROC had been applied to 9 children with Down syndrome who are aged between two and five years. Data were collected individually through audiovisual recording, from the interaction between the child and author, in two 25-minute sessions with each child. The results of the analysis of the materials were recorded in the PROC. Data were analyzed by descriptive statistics from table representations. The research allowed the characterization of dialogical or conversational skills, communicative functions, means of communication, means of contextualization of language, verbal comprehension and different aspects of cognitive development. The results showed that the best aspect of development among children is verbal comprehension. However, in communicative skills, nonverbal means are used to communicate. In addition to the low performance in cognitive development, which is expected for the studied population.

Keywords: Down syndrome. Language. Cognition.

INTRODUÇÃO

De acordo com o Censo IBGE 2010, cerca de 45 milhões de pessoas no Brasil possuem alguma deficiência física ou intelectual. Destas deficiências, estima-se que 300 mil tenham Síndrome de Down (SD), com uma prevalência de 1 a cada 700 nascimentos (CUMINALE, 2017). Estudos revelam que a linguagem³⁴ é uma das áreas mais prejudicadas nestes indivíduos, sendo que tais prejuízos estão presentes na comunicação e na expressão verbal, limitando suas tentativas de comunicação com o outro (PIAZZI-SENO; GIACHETTI; MORRETTI-FERREIRA, 2014).

O recém-nascido com SD possui uma variabilidade nas características do desenvolvimento motor, cognitivo e de linguagem, associados a transtornos de saúde decorrentes de alterações biológicas e psicológicas (RONDAL, 2002).

Devido à divergência de alterações encontradas na criança com SD, a literatura afirma sobre a importância do atendimento interdisciplinar precoce, objetivando minimizar os efeitos e limitações das alterações do paciente, assim como a relevância da continuidade do acompanhamento desses pacientes, pois a falta de estimulação e encaminhamentos tardios interfere no desenvolvimento fonoarticulatório e conseqüentemente ocorre o acometimento da linguagem (BARATA; BRANCO, 2010).

4 Linguagem aqui compreendida como uma faculdade humana com função simbólica, induzida pelo processo de desenvolvimento do conhecimento e da capacidade de representação. Esta é associada a um processo maturacional, que sob o controle genético o seu desenvolvimento é sensível aos inputs ambientais, influenciado pela estimulação e desenvolvimento de outras funções como: memória, atenção, inteligência, percepção, audição e cognição (BRITTO; BRITTO, 2017).

Revista Gepesvida

A criança com SD apresenta um desencontro na sincronia entre o desenvolvimento cognitivo e de linguagem, ou seja, os *déficits* linguísticos são maiores que os cognitivos e, na linguagem, observa-se desvantagem da expressão oral em relação à compreensão (LIMONGI; ANDRADE, 2014).

Foi estudada a linguagem receptiva e expressiva em indivíduos com SD, e observado que o *déficit* da linguagem expressiva é significativamente maior em relação ao atraso global. As áreas de compreensão e expressão da linguagem são limitadas nas crianças com SD pela dificuldade na capacidade de imitação, o que pode ser uma das causas do atraso de produção verbal (BRANDÃO, 2006).

As habilidades globais da criança com SD são adquiridas com um atraso temporal em relação às crianças com desenvolvimento típico, porém ocorre na mesma sequência cronológica. Em consequência, a criança com SD possui dificuldade de manter a atenção e de estar alerta aos estímulos externos, sendo menos interativas desde os primeiros meses de vida, até iniciar o desenvolvimento da atenção e a interação (CICILIATO; ZILOTTI; MANDRÁ, 2010).

Foram realizadas pesquisas sobre habilidades comunicativas⁵ da criança com SD, comparando-as com crianças de desenvolvimento típico e foi confirmado o fato de que crianças com SD possuem o desempenho comunicativo e lexical expressivo inferior aos seus pares com neurodesenvolvimento típico (LAMÔNICA; FERREIRA-VASQUES, 2015).

Para a fala, o desenvolvimento de crianças com SD é mais tardio, pois estas compreendem acima do que são capazes de expressar, embora seu comprometimento persista até a idade adulta, tanto na expressão quanto na recepção da linguagem (SIGAUD; REIS, 1999).

Os indivíduos com SD apresentam um sistema de linguagem desordenado, com habilidades gramaticais mais comprometidas do que as lexicais, as quais são mais avançadas do que os níveis cognitivos não verbais. Entretanto, crianças com SD mostram uma inadequação entre a cognição não verbal e o desenvolvimento gramatical, mas possuem vocabulário não verbal e habilidades cognitivas adequadas. Neste contexto, o

⁵ Habilidades comunicativas referem-se à capacidade do indivíduo em participar de uma sequência interativa de atos de fala, tendo como objetivo o intercâmbio comunicativo (ABE et al, 2013).

Revista Gepesvida

domínio sintático é atrasado com certo comprometimento das habilidades cognitivas não verbais, de modo que elas apresentem uma aquisição da linguagem mais lenta, bem como, com significativos problemas articulatórios, que podem comprometer sua fala (BRANDÃO, 2006; RICE; WARREN; BETZ, 2005).

Nos primeiros cinco anos de vida, a criança com SD apresenta particularidades no desenvolvimento cognitivo e linguístico, como o atraso no desenvolvimento da linguagem, dificuldade no reconhecimento de regras gramaticais e sintáticas da língua. As dificuldades na produção da fala acarretam um vocabulário reduzido, o que incessantemente, faz com que essas crianças não consigam se expressar da mesma forma do que compreendem o que é falado, levando-as a serem subestimadas em termos de desenvolvimento cognitivo. Estas variações linguísticas poderão afetar o desenvolvimento de outras habilidades cognitivas, com maior dificuldade de usar os recursos da linguagem para pensar e raciocinar (BISSOTO, 2005).

Complementarmente, crianças com SD apresentam uma capacidade reduzida de memória auditiva de curto-prazo, o que pode dificultar o acompanhamento de instruções faladas, especialmente quando mais complexas ou consecutivas. Assim, é indispensável que crianças com SD tenham oportunidade de mostrar que compreendem o que lhes é dito/ensinado, mesmo que isso seja feito através de respostas motoras, como apontar e gesticular (BISSOTO, 2005).

Por acreditar que os estudos sobre os aspectos comportamentais, cognitivos e de linguagem nas crianças, são fundamentais para a avaliação e compreensão do quadro clínico de crianças com transtorno do desenvolvimento, em terapia fonoaudiológica, este estudo objetivou caracterizar as habilidades comunicativas, de compreensão verbal e cognitivas em crianças com SD na faixa etária de dois a cinco anos, a partir da aplicação do Protocolo de Observação Comportamental (PROC).

MÉTODO

A presente pesquisa foi realizada na Associação Amor pra Down dos municípios de Balneário Camboriú/SC e Itajaí/SC, com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIVALI (Parecer Consubstanciado nº 3.086.373).

Revista Gepesvida

O estudo foi realizado por meio da aplicação do instrumento PROC, o qual avalia três grandes áreas: habilidades comunicativas, compreensão verbal e aspectos do desenvolvimento cognitivo. A amostra do estudo foi composta por 9 crianças que frequentam a Associação Amor pra Down, com idade cronológica entre 2 anos e 5 anos.

Somente participaram da pesquisa as crianças cujos pais aceitaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Consentimento de participação do sujeito, que atendeu a todos os preceitos éticos em pesquisa conforme recomenda a Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012, definição II. 24.

A partir do aceite dos convites, foram determinados as datas e horários para início da coleta de dados, que foi filmada (Câmera – Nikon COOLPIX P600) em duas sessões individuais dentro da própria instituição, com duração aproximadamente de 25 minutos cada. O material utilizado para a interação foi composto pelos brinquedos recomendados pelos autores do PROC, entre eles, miniaturas de casinha, de comidas e outros que envolvem o dia a dia da criança, proporcionando o desenvolvimento de situações comunicativas. Portanto, a coleta foi realizada em situação de brincadeira livre, em que a pesquisadora interagia com cada criança.

As filmagens foram analisadas e os resultados foram registrados em um protocolo para cada criança. As habilidades comunicativas, a compreensão verbal e o desenvolvimento cognitivo foram cruzados com a variável idade. O cálculo e a análise dos dados foram realizados por estatística descritiva, sendo os resultados apresentados em frequências absolutas agrupadas por faixa etária, conforme a própria pontuação proposta no PROC. Os resultados estão discutidos utilizando-se referencial teórico composto por outras pesquisas realizadas com crianças com SD e com o PROC.

RESULTADOS

Em relação às “habilidades dialógicas ou conversacionais”, o qual atinge um total de 20 pontos, apenas a criança C9 – que é a mais velha - atingiu o total máximo do item. As demais atingiram pontos crescentes sucessivamente, de acordo com a idade, exceto a C6 que teve um desempenho inferior que a C5. Esses resultados podem apontar que o desempenho da criança vai melhorando conforme ela vai avançando na idade.

Revista Gepesvida

Em relação às “funções comunicativas”, que tem o máximo de 15 pontos, nenhuma criança atingiu esta pontuação. A maior pontuação atingida foi pelas crianças C9 e C7, com 10 pontos. Destaca-se que as crianças C1, C2 e C6 conquistaram 3 pontos cada, embora as C1 e C2 serem mais jovens que a C6.

Em relação à “meios não verbais”, a pontuação máxima é 7. Observa-se que nenhuma criança atingiu a pontuação máxima: a mais velha (C9) atingiu 5 pontos e as C1, C3, C7 e C8 tiveram mesma pontuação (2 pontos) apesar da diferença da idade entre elas. O mesmo ocorreu para os “meios verbais” (total máximo 15 pontos): a criança mais velha (C9) obteve maior pontuação, as C2, C5, C6, e C8 obtiveram a mesma pontuação – 7 pontos, apesar da diferença de idade entre elas.

Aos “níveis de contextualização da linguagem” a pontuação máxima é 15 pontos; pode-se observar que a criança que atingiu maior pontuação foi a C9, todas as outras crianças atingiram 5 pontos.

Observa-se que não há uma progressão constante na pontuação da compreensão verbal, visto que C5, C7 e C8 têm desempenho pior que crianças mais jovens.

A pontuação máxima em relação à “forma de manipulação dos objetos” é de 10 pontos e a criança mais velha, C9, foi a única que atingiu a pontuação máxima. Já as crianças C4, C5 e C6, que atingiram 9 pontos, tiveram um desempenho melhor que C7 e C8 que atingiram 8 e 7 pontos, respectivamente, sendo as três primeiras mais jovens que as demais.

E, para o “nível de desenvolvimento do simbolismo” a pontuação máxima é 20 pontos e somente a C9 atingiu o total máximo de pontos. Entretanto, as crianças C2, C4 e C5 tiveram melhor desempenho (10 pontos) que as crianças C6 e C8 que são mais velhas (6 pontos). Há bastante variação neste item, o que revela que a faixa etária não necessariamente determina o desempenho.

A pontuação máxima do item 3C relativo a “nível de organização do brinquedo” é 20 pontos. Nenhuma das crianças alcançou esta pontuação; C9 e C5 foram as que tiveram os melhores desempenhos, sendo 13 e 11 pontos, respectivamente. A C3 e C6 obtiveram mesma pontuação (4 pontos). Desta forma, estes resultados demonstram que neste item o desempenho não está relacionado a faixa etária.

O item 3D relativo à “imitação” tem 20 pontos como total da pontuação; neste

Revista Gepesvida

aspecto C5 e C9 obtiveram mesma pontuação (11), apesar da diferença etária. Neste item não se observa que a idade determina o desempenho. No grande item do PROC, denominado Habilidades Comunicativas (expressivas) a criança com melhor desempenho foi a mais velha e a criança com desempenho menor em termos numéricos foi a mais jovem. Apesar disso, há variação nas pontuações, independente da faixa etária.

No item compreensão da linguagem verbal, a faixa etária não é determinante no desempenho das crianças estudadas: a C8, por exemplo, tem o desempenho igual a C1 que é a mais jovem.

Nos Aspectos do Desenvolvimento Cognitivo, se compararmos a pontuação entre a criança mais nova e a mais velha, observa-se que há um desempenho crescente de acordo com a faixa etária; no entanto há oscilação no desempenho entre elas: as crianças C6 e C8 tiveram desempenho pior que a C5 que é mais jovem.

DISCUSSÃO

O desenvolvimento da linguagem oral pode ser relacionado com diversas habilidades cognitivas, linguísticas e perceptuais. A construção simbólica faz parte das habilidades cognitivas fundamentais para a formação do signo linguístico e utilização de vocábulos como forma de expressão, desta maneira o desenvolvimento do simbolismo está diretamente associado ao da linguagem oral (CICILIATO; ZILOTTI; MANDRÁ, 2010).

A literatura sobre este assunto comenta que é esperado de uma criança com desenvolvimento típico, aos cinco anos, que fale em torno de seis mil palavras, que tenha de função comunicativa e recursos linguísticos para diferentes funções da linguagem, entre eles, a criança consegue descrever um local ou um objeto. Conseguem fazer uma narrativa com organização temporal dos fatos, e de habilidades conversacionais, é esperado que a criança consiga iniciar e manter uma conversa por grandes turnos, ainda, conseguem conversar com mais de um interlocutor (ZORZI; HAGE, 2004).

Embora a criança de 5 anos deste estudo não tenha, a mesma performance que uma criança de desenvolvimento típico, ela se mostrou com melhor desempenho, quando comparada com as mais novas. Isso porque é esperado que a idade interfira no bom

Revista Gepesvida

desempenho comunicativo e linguístico. Contudo, o estudo mostrou que a idade também pode não interferir uma vez que C5 teve melhor desempenho nas habilidades comunicativas do que a C8, que é um ano e seis meses mais velha que C5. Observa-se que a partir do momento que a criança adquire a comunicação verbal, ela passa a usar simultaneamente os meios verbais e não verbais, reduzindo significativamente o uso de gestos e vocalizações, como no exemplo da C7. Porém, podemos perceber o contrário nas C1, C3 e C4 que ainda não possuem comunicação por meios verbais.

Sobre este assunto crianças com SD costumam diminuir o uso de gestos com o aumento da idade, e com o aumento do uso da comunicação verbal. Entretanto, algumas crianças continuam utilizando gestos durante longos períodos, o que ocorre para compensar o atraso na produção oral, explicando o fato do uso de gestos não diminuir com o aumento da idade e uso de meios verbais (PORTO-CUNHA; LIMONGI, 2008).

Para se comunicar as crianças com SD utilizam a linguagem não verbal, normalmente preferindo os gestos à produção verbal, sendo os representativos produzidos com maior frequência. Muitas vezes começam com uma comunicação gestual, seguido da linguagem oral (CICILIATO; ZILOTTI; MANDRÁ, 2010).

Crianças com SD começam a falar palavras isoladas entre os dois e três anos, podendo variar esta idade, a primeira palavra falada pela criança pode não ser a primeira palavra aprendida, devido à dificuldade que os indivíduos com SD têm de articular os sons (BRANDÃO, 2006). Desta forma, o trabalho assíduo com um fonoaudiólogo pode ser um elemento importante para a promoção do desenvolvimento da linguagem da criança com SD (LIMA, 2016).

Em relação à compreensão da linguagem, verifica-se a tabela 2 que apresenta a mesma habilidade que a tabela 5, aponta uma diversidade de desempenho, ente os sujeitos, independentemente da idade: três crianças de diferentes idades (C4, C6 e C9) obtiveram resultados iguais (60 pontos), crianças mais velhas tiveram desempenho inferior que mais novas, como é o caso da C8, que teve desempenho igual a mais nova do grupo (C1).

Sobre este assunto, a literatura afirma que indivíduos com SD possuem boa capacidade intelectual, são capazes de se expressar bem e compreender aquilo que lhes é solicitado (AGRIPINO-RAMOS; SALOMÃO, 2014).

Revista Gepesvida

Na mesma direção autores afirmam que a expressão da comunicação é o aspecto mais atrasado desta população, sendo a função simbólica e a compreensão da linguagem as mais desenvolvidas. A produção oral em crianças com SD, pode ser relacionada às dificuldades na programação motora necessária para o controle da fala, e a compreensão oral pode estar também relacionada ao déficit de memória de curto prazo (LIMA, 2016).

A SD pode ser manifestada com um atraso no desenvolvimento global do indivíduo, tanto nas funções mentais quanto motoras, o grau de comprometimento é bastante variado de sujeito para sujeito, assim como seu desempenho. À medida que os recursos mentais vão assumindo relevância na realização de atividades, começam a surgir dificuldades maiores (SIGAUD; REIS, 1999).

Neste aspecto a literatura mostra que a causa mais comum da SD é representada pelo atraso mental, o quociente intelectual (QI) determinado através de uma prova de inteligência e que pode variar entre graus leve, moderado e severo, situando a maior parte dos casos de SD nos graus leve e moderado. Indivíduos com SD apresentam um atraso importante no desenvolvimento neuropsicológico, com maiores déficits motores na primeira infância e déficits cognitivos na idade escolar (COELHO, 2016).

A capacidade de imitar parece inata, entretanto não significa que qualquer coisa possa ser imitada a qualquer momento, no desenvolvimento da criança. Para que uma criança imite um novo comportamento, sua mente precisa ter “estrutura cognitiva” necessária para a imitação deste comportamento. Portanto, a imitação não é uma cópia passiva, mas sim uma reconstrução do estímulo (RUBIN, 2004). Autoras afirmam que o comportamento de imitação pode ser um papel importante em períodos precoces do desenvolvimento da linguagem em crianças com SD, estas são melhores em imitação do que produção de fala espontânea comparando-as com crianças de desenvolvimento típico (TRISTÃO; FEITOSA, 2012).

As crianças com esta síndrome apresentam um atraso em todas as áreas do desenvolvimento ao observar o grau do simbolismo e atividades exploratórias, sendo estas diretamente ligadas ao desenvolvimento da linguagem, tem importante papel na ampliação da compreensão e aquisição da linguagem nestes indivíduos. A forma como a criança manipula os objetos a sua volta pode revelar ou não um atraso na linguagem e em outros aspectos do desenvolvimento (CICILIATO; ZILOTTI; MANDRÁ, 2010).

Revista Gepesvida

O desenvolvimento de uma pessoa com SD deve ser considerado em seus aspectos cognitivos, linguísticos, afetivos e motores⁽²²⁾, uma vez que cada aspecto, em conjunto com a família, escola e vida social, se relaciona e se formam juntos. O modo como a pessoa é vista pelos outros pode causar ganhos ou prejuízos em seu desenvolvimento social, cognitivo, afetivo e linguístico, pois estes são socialmente desenvolvidos. O desenvolvimento de uma pessoa com SD deve ser considerado em seus aspectos cognitivos, linguísticos, afetivos e motores, uma vez que cada aspecto, em conjunto com a família, escola e vida social, se relaciona e se formam juntos. O modo como a pessoa é vista pelos outros pode causar ganhos ou prejuízos em seu desenvolvimento social, cognitivo, afetivo e linguístico, pois estes são socialmente desenvolvidos (WUO, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou que o aspecto de melhor desenvolvimento entre as crianças é a compreensão verbal. Já nas habilidades comunicativas observou-se que elas fazem uso mais de meios não verbais para se comunicar do que verbais, o que é esperado para crianças que apresentam SD na faixa etária estudada. Verificou-se também desempenho baixo no que tange aos aspectos do desenvolvimento cognitivo, que também é esperado para a população estudada. No entanto, o que mais ficou evidente é a diversidade do desempenho das crianças nos diferentes aspectos e sub-aspectos estudados, o que mostra que o desempenho de cada um é singular e independe da diferença etária.

Destaca-se a importância da realização de outros estudos com o mesmo objetivo e com a mesma população, ou seja, com crianças com SD, pois estudos dessa natureza podem contribuir para com o universo da clínica fonoaudiológica uma vez que o objetivo principal da atuação deste profissional com essas crianças é o desenvolvimento da comunicação.

Revista Gepesvida

REFERÊNCIAS

ABE, Camila Mayumi; BRETANHA, Andreza Carolina; BOZZA, Amanda; FERRARO, Gyovanna Junya Klinke; HERRERA, Simone Aparecida Lopes. Habilidades comunicativas verbais no desenvolvimento típico de linguagem: relato de caso. **CoDAS**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 76-83, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/codas/v25n1/v25n1a14.pdf>> Acessado em: 08 jun. 2020.

AGRIPINO-RAMOS, Cibele Shirley; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. Autismo y síndrome de Down: concepciones de profesionales de diferentes áreas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 1, p. 103-114, jan./mar. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v19n1/11.pdf>> Acessado em: 10 fev. 2020.

BARATA, Livia Fernandes; BRANCO, Anete. Os distúrbios fonoarticulatórios na síndrome de Down e a intervenção precoce. **Revista CEFAC**, v. 12, n. 1, p. 134-139, jan./fev. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v12n1/a18v12n1.pdf>>. Acessado em: 10 fev. 2020.

BISSOTO, Maria Luísa. Desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de síndrome de Down: revendo concepções e perspectivas educacionais. **Revista Ciências & Cognição**, Piracicaba, v. 4, n. 3, p. 80-88, mar. 2005. Disponível em: <<http://cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/485/262>>. Acessado em: 10 fev. 2020.

BRANDÃO, Sílvia Regina Silva. **Desempenho na linguagem receptiva e expressiva de crianças com síndrome de Down**. 2006. 164 f. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências da Saúde, Santa Maria, RS, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6532/Dissertacao%20Silvia%20Regina%20Brandao.pdf>>. Acessado em: 10 fev. 2020.

BRITTO, Ana Teresa O.; BRITTO, Denise Brandão O. Teorias de aquisição da linguagem: reflexões acerca de diferentes estudos. *In*: LAMÔNICA, Dionísia Aparecida Cusin; BRITTO, Denise Brandão de Oliveira e. **Tratado de Linguagem**: perspectivas contemporâneas. São Paulo: Book Toy, 2017. (Cap. 1).

CICILIATO, Mariane Nardezi; ZILOTTI, Daiana Camargo; MANDRÁ, Patrícia Pupin. Caracterização das habilidades simbólicas de crianças com síndrome de Down. **Revista Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 15, n. 3, p. 408-414, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsbf/v15n3/16.pdf>>. Acessado em: 10 fev. 2020.

COELHO, Charlotte. A síndrome de Down. **Psicologia.pt**: o portal dos psicólogos, 2016. 14 p. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0963.pdf>>.

Revista Gepesvida

Acessado em: 08 jun. 2020.

CUMINALE, Natália. O novo mundo do Autismo. **Veja**, São Paulo, n. 30, p. 82-91, 21 jul. 2017. (edição 2540, ano 50). Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/videos/ultima-edicao/o-novo-mundo-do-autismo/>>. Acessado em: 10 fev. 2020.

DA SILVA, Maria Natalia Santos da; SANTOS, Karine Morgana Batista; ANDRADE, Laís Melo; ZANONA, Aristela de Freitas. Avaliação funcional do desenvolvimento psicomotor e ambiente familiar de crianças com Síndrome de Down. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, v. 1, n. 2, p. 186-201, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/4818/pdf>>. Acessado em: 10 fev. 2020.

LAMÔNICA, Dionísia Aparecida Cusin; FERREIRA-VASQUES, Amanda Tragueta. Habilidades comunicativas e lexicais de crianças com síndrome de Down: reflexões para inclusão escolar. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 17, n. 5, p. 1475-1482, set./out. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v17n5/1982-0216-rcefac-17-05-01475.pdf>>. Acessado em: 10 fev. 2020.

LIMA, Ivonaldo Leidson Barbosa. **Interações multimodais na clínica de linguagem: a criança com síndrome de Down**. 2016. 137 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Joao Pessoa, PB, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/8898/2/arquivototal.pdf>>. Acessado em: 08 jun. 2020.

LIMA, Ivonaldo Leidson Barbosa; DELGADO, Isabelle Cahino; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. Relação entre a matriz linguística multimodal e a atenção conjunta de criança com síndrome de Down. **Revista do Gel**, v. 15, n. 1, p. 85-99, 2018. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/1835/1327>>. Acessado em: 10 fev. 2020.

LIMONGI, Suely Cecília Olivan; ANDRADE, Rosangela Viana. Processo terapêutico em linguagem na síndrome de Down: princípios em avaliação e trabalho fonoaudiológico. In: MARCHESAN, Irene Queiroz; SILVA, Hilton Justino da; TOMÉ, Marileda Cattelan. **Tratado das especialidades em Fonoaudiologia**. 1. ed. São Paulo: Editora Roca, 2014.

OLIVEIRA, Tiago A. de; MOURA, Diego R.; SANTANA, Thais S.; ARAÚJO, Carine H. de; FONTES, Adriana H. de M.; BRANDÃO, Marcele R.; SANTANA, Rafael F. de; BARRETO, Tarcísio M.; LANDIN, Glauco; ACOSTA, Angelina Xavier. A importância do diagnóstico precoce na história natural da criança com síndrome de Down. **Gazeta Médica da Bahia**, v. 78, n. 2, supl. 1, p. 69-74, 2007. Disponível em: <<http://www.gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/viewFile/290/280>>. Acessado

Revista Gepesvida

em: 10 fev. 2020.

PIAZZI-SENO, Marília Piazzzi; GIACHETI, Célia Maria; MORETTI-FERREIRA, Danilo. Linguagem narrativa e fluência na síndrome de Down: uma revisão. **Revista CEFAC**, v. 16, n. 4, p. 1311-1317, jul./ago. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v16n4/1982-0216-rcefac-16-4-1311.pdf>>. Acessado em: 10 fev. 2020.

PORTO-CUNHA, Eliza; LIMONGI, Suelly Cecília Oliven. Modo comunicativo utilizado por crianças com síndrome de Down. **Pró-Fono, Revista de Atualização Científica**, v. 20, n. 4, p. 243-248, out./dez. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pfono/v20n4/a07v20n4.pdf>>. Acessado em: 08 jun. 2020.

RICE, Mabel. L; WARREN, Steven. F; BETZ, Stacy. K. Language symptoms of developmental language disorders: an overview of Autism, Down syndrome, fragile X, specific language impairment, and Williams syndrome. **Applied Psycholinguistics**, v. 26, n. 1, p. 7-27, 2005. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/5A14C3AEA55D5091125B3B30CBE39464/S0142716405050034a.pdf/language_symptoms_of_developmental_language_disorders_an_overview_of_autism_down_syndrome_fragile_x_specific_language_impairment_and_williams_syndrome.pdf>. Acessado em: 10 fev. 2020.

SIGAUD, Cecília Helena de Siqueira; REIS, Alberto Olavo Advíncula. A representação social da mãe acerca da criança com síndrome de Down. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 148-156, jun. 1999. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v33n2/v33n2a06.pdf>>. Acessado em: 08 jun. 2020.

RONDAL Jean-Adolphe. Síndrome de Down. In: BISHOP, Dorothy; MOGFORD, Kay. **Desenvolvimento da linguagem em circunstâncias excepcionais**. Tradução de, Mônica Patrão Lomba e Leão Lankszner. São Paulo: Revinter; 2002.

RUBIN, Maraci Coelho de Barros Pereira. **A passiva na Síndrome de Down**. 2004. 224 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Letras, Curitiba, PR, 2004. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/27895/T%20-%20MARACI%20COELHO%20DE%20BARROS%20PEREIRA%20RUBIN.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acessado em: 09 jun. 2020.

TRISTÃO, Rosana Maria; FEITOSA, Maria Ângela Guimarães. Linguagem na síndrome de Down. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 14, n. 2, p. 127-137, set. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/17318/15819>>. Acessado em: 09 jun. 2020.

Revista Gepesvida

WUO, Andréa Soares. A construção social da síndrome de Down. **Cadernos de psicopedagogia**, São Paulo, v. 6, n. 11, 2007. 18 p. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cap/v6n11/v6n11a02.pdf>>. Acessado em: 08 jun. 2020.

ZORZI, Jaime Luiz; HAGE, Simone Rocha de Vasconcellos. **Protocolo de observação comportamental**: avaliação de linguagem e aspectos cognitivos infantis. 1. ed. São José dos Campos: Pulso Editorial, 2004.

*Recebido em 2020.2.
Aceito em novembro de 2020.*